**Os Amores da Estrela**

Já sob o largo pálio a tenebrosa

Noite as estrelas nítidas e belas

Prendera ao seio, como mãe piedosa.

De umas as brancas lúcidas capelas,

De outras o manto e as clâmides de linho

Viam-se à luz da lua. Estas e aquelas,

Todas no lácteo sideral caminho

Dormiam, como bando alvinitente

De aves, à sombra, nos frouxéis de um ninho.

Vênus, porém, chorava; ela somente

De pé, cismando, o níveo olhar mais níveo

Que a prata, abria na amplidão dormente.

Olhava ao longo o célico declívio,

Como a buscar alguém que desejava,

Qual se deseja alguém que é doce alívio.

Só, no espaço desperta, como a escrava

Romana ao pé do leito da senhora

Velando à noite, a mísera velava.

Um deus de formas válidas adora;

São seus cabelos ouro puro, o peito

Veste a armadura de cristal da aurora.

Quando ele sai das púrpuras do leito,

O arco na mão, parece de diamantes

E rosados rubins seu rosto feito.

Dera por vê-lo agora as cintilantes

Lágrimas todas, líquido tesouro,

Que lhe tremem às pálpebras brilhantes...

Mas soa de repente um grande coro

Pelas cavas abóbadas... E logo

Assoma ao longe um capacete de ouro.

O deus ouviu-lhe o suplicante rogo!

Ei-lo que vem! seu plaustro os ares corta;

Ouve o relincho aos seus corcéis de fogo.

Já do roxo Levante se abre a porta...

E ao ver-lhe o vulto e as chamas da armadura,

Fria, trêmula, muda e quase morta,

Vênus desmaia na infinita altura.